

FLORES TROPICAIS

O 'mato' que vale dólares

Fotos: Antônio Menezes

PLANTAS FAZEM SUCESSO NO EXTERIOR E SUL DO PAÍS MAS EXPORTAÇÃO A PARTIR DO AMAZONAS ENFRENTA ENTRAVES POR CONTA DA CIGATOKA NEGRA

JOUBERT LIMA
 ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Muitas plantas consideradas "mato" nos quintais de Manaus são valiosas no mercado de plantas ornamentais. Costela-de-adão, comigo-ninguém-pode e cróton são apenas alguns exemplos de itens que podem ser incluídos na confecção de arranjos com flores ornamentais muito apreciadas no Sul do País e até no exterior.

Apesar da demanda, a exportação das flores do Amazonas enfrenta entraves da Ministério da Agricultura devido à suspeita de que as helicônias sejam condutoras da cigatoka negra, doença que ataca os bananais. O Amazonas é pioneiro na produção e aproveitamento das flores ornamentais. Apesar disso, quem está lucrando com a exportação dessas plantas é o Pará e estados do Nordeste.

Técnicos do Ministério da Agricultura informaram que a exportação de plantas a partir de Estados com incidência de cigatoka negra é regulada pela instrução normativa número 23, de 7 de junho de 2001. O chefe do setor de Sanidade Vegetal do Ministério da Agricultura, Carlos Ferreira, reconheceu que não há estudos científicos confirmando as suspeitas de que helicônias são, de fato, condutoras da cigatoka negra. No entanto, como medida

de prevenção, o ministério baixou portaria condicionando o comércio das plantas.

Para enviar helicônias a outros estados, o produtor interessado terá que comprovar, por meio de laudos técnicos, que seu lote está livre da praga, e seus estudos serão confrontados com análise de técnicos do Ministério da Agricultura. Só então, será expedida a permissão de trânsito. "Trabalhamos com flores tropicais desde 1972 e até hoje não constatamos qualquer vestígio da praga. O Ministério da Agricultura deveria pesquisar *in loco*, pois quem acusa tem que ter o ônus da prova", argumenta um empresário do ramo, Nelson Buoro.

Apesar das limitações impostas pelo Ministério, a Associação dos Floricultores e Produtores do Amazonas (Afcam) está incentivando a produção e comercialização de helicônias no Amazonas. "A partir do momento que a associação começar a produzir em escala, a coisa vai pegar", comentou Buoro.

A floricultura Dona Flor começou a apostar no cultivo de Flores Tropicais em 1972, com uma plantação de Antúrio. De acordo com Buoro, as flores tropicais estão paulatinamente tomando o lugar de rosas e flores do campo. Hoje, já respondem por aproximadamente 90% do movimento na floricultura, que trabalha com cerca de 130 variedades.

Buoro salienta as vantagens comparativas que as flores tropicais oferecem, como a eliminação de gastos com frete, maior resistência e durabilidade, além de gerar empregos em Manaus e divisas para o Estado. "O crisântemo é mato no Japão e na China; a rosa é mato no Iraque e a tulipa é mato na Turquia. Por que o mato dos outros têm valor e o nosso não?", questiona.



INOCENTES Não há confirmação das suspeitas de que helicônias são, de fato, condutoras da cigatoka negra

RENTABILIDADE

"UMA FOLHA DE COSTELA-DE-ADÃO É COTADA A US\$ 2,5; DOIS PÉS DE CRÓTON CUSTAM US\$ 17,95 E ALGUNS ARRANJOS CHEGAM A CUSTAR US\$ 56"

PROFESSIONAL FLORAL DESIGNER

Flores são alternativa para Região

O cultivo e comercialização de flores tropicais poderia se tornar uma alternativa econômica para a região. "Um hectare de macaxeira rende anualmente, no máximo, 50 painéis de farinha, gerando uma renda anual em torno de R\$ 1,5 mil. Se o mesmo hectare fosse aproveitado com plantio de flores tropicais, a renda poderia chegar a R\$ 1,2 mil por mês", salienta Buoro.

A Profissional Floral Designer, respeitada revista de decoração, sugere preços convidativos: uma folha de costela-de-adão é cotada a US\$ 2,5; dois pés de cróton custam US\$ 17,95 e alguns arranjos chegam a custar US\$ 56. O mercado é garantido, conta o empresário, pois até no Sul do País a procura por flores tropicais tem aumentado. Nelson Buoro é frequentemente convidado para ministrar palestras e cursos sobre arranjos com flores tropicais em todo Brasil. Considerando preços unitários, as flores da Amazônia são mais caras que as tradicionais do Sul do País, mas o design específico dos arranjos compensa o custo. A ornamentação para um casamento (igreja e recepção) com flores tropicais que custou R\$ 3 mil, custaria até R\$ 7 mil se feito com flores importadas de São Paulo.

MERCADO

"O AMAZONAS DEIXA DE FATURAR POR FALTA DE PRODUÇÃO E INTERESSE DOS ÓRGÃOS COMPETENTES"

NELSON BUORO, empresário



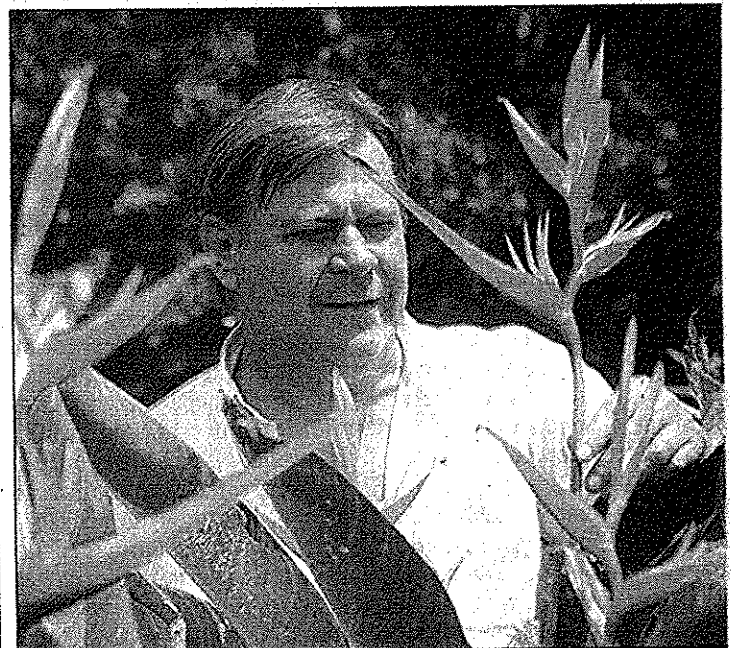
VIAGEM Produção paraense começou em 1985 com mudas levadas do Amazonas

Pará é principal produtor do País

Com presença constante em eventos como Flôr Pará, Simpósio Norte e Nordeste e InterFlor Norte, os empresários do Amazonas têm constatado a crescente valorização das flores amazônicas. Pernambuco e Alagoas já exportam para Inglaterra, Portugal e Espanha. O Pará, cuja produção começou em 1985 com mudas levadas do Amazonas, é considerado o principal produtor do Brasil e também mantém exportações para Estados Unidos.

"Foi constatado um potencial monstruoso no mercado norte-americano", conta Buoro, acrescentando que a Dona Flor já recebeu propostas de varejistas norte-americanos interessados em revender flores tropicais. Em 1993, cinco atacadistas de Washington propuseram-se a comprar o equivalente a US\$ 150 mil mensais, mas os produtores do Amazonas não puderam aceitar por falta de produção.

Em 2000, a Afcam adquiriu junto a Suframa um terreno de 980 hectares no quilômetro 32 da BR 174 onde os 20 produtores associados pretendem intensificar a



BUORO Washington queria equivalente a US\$ 150 mil mensais em flores

produção de flores tropicais visando exportações. Agora, a Afcam está pleiteando junto aos órgãos governamentais a abertura de um ramal de acesso ao terreno. "Enquanto lutamos por um ramal, estados como Alagoas, Pernambuco,

Recife, Bahia e Pará desenvolvem grandes projetos para ampliar ainda mais suas produções. O Amazonas deixa de faturar por falta de produção e interesse dos órgãos competentes", finalizou Nelson Buoro.